

Sexta-feira, 13 de maio de 2016 - Ano 17 - Nº 809

Valor

EU &

FIM DE SEMANA

MARIO VARGAS LLOSA

"A virtude da tolerância é o grande valor liberal"

"É perigoso que se mantenha governantes corruptos para garantir o funcionamento de um sistema"

"Há perigo de a literatura ser reduzida só a um pequeno setor da sociedade, aí existe perigo de a democracia sofrer profundamente"



CAPA



FOTOS ANA PAULA PATIVA/VALOR

Em São Paulo, Vargas Llosa conta que escreve ensaio sobre Hayek: economista "colocou o problema do liberalismo, da democracia, da economia e dos valores no nosso mundo"

Elogio ao liberalismo

Para Vargas Llosa, movimentos pró-impeachment são espécie de catarse da democracia contra a corrupção e vitória de Keiko Fujimori equivaleria à legitimação da ditadura a posteriori. Escritor revela ainda que prepara ensaio sobre Hayek, um árduo liberal como ele. Por **Robson Viturino**, para o Valor, de São Paulo

O escritor peruano Mario Vargas Llosa tem um duplo. É o Mario Vargas Llosa intelectual. Nas últimas décadas, a cada dois ou três anos, o ficcionista publica um livro, entre eles alguns romances fundamentais para entender a América Latina, como "Conversa na Catedral", "A Guerra do Fim do Mundo" e "A Festa do Bode". Nos intervalos desses projetos, surge o ensaísta literário, o defensor do liberalismo e o crítico da modernidade. Nesta semana, o Prêmio Nobel de Literatura reuniu seus duplos para dar uma entrevista sobre o Brasil, as mudanças de rumo na América Latina, na Europa e nos EUA, a sua crença na liberdade, o romance "Cinco Esquinas", que sairá no Brasil neste ano — depois do recém-lançado "Barco das Crianças" —, e seu novo trabalho.

Vargas Llosa veio ao Brasil para abrir o ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento. Em entrevista concedida no dia 9, no hotel onde está hospedado em São Paulo, manifestou otimismo com os movimentos pró-impeachment de Dilma Rousseff, uma "espécie de catarse" da democracia contra a corrupção. Aos 80 anos, comemorados em março com uma grande festa em Madri, onde vive, Vargas Llosa toca seu novo projeto: um ensaio sobre Friedrich Hayek (1899-1992), defensor do liberalismo clássico e conhecido por sua associação à Escola Austríaca de pensamento econômico.

Valor: O Brasil vive uma das crises mais graves de sua história. A rejeição aos políticos está exposta como há muito não se via, há um clima de conflito nas ruas e nas redes sociais e a economia está anêmica. Como vê esse cenário?

Mario Vargas Llosa: Com otimismo. Creio que esse é um movimento saudável de purificação de uma democracia cuja corrupção provocou grande desencanto no povo. E me parece saudável que se tenha levado a cabo uma mobilização tão grande para castigar os políticos corruptos e um sistema afetado pela corrupção. Acredito que, se for feito um balanço entre perdas e ganhos, o resultado é positivo. É bom que grandes setores da população que estavam desinteressados da política se comprometam de maneira tão ativa para pedir que, de acordo com a própria legalidade do Brasil, haja uma espécie de catarse de seu sistema democrático.

Valor: Há uma grande discussão sobre a legitimidade do processo de impeachment de Dilma Rousseff. O que pensa disso?

Vargas Llosa: Não acredito em golpe, porque seguem as pautas que estabelecem a própria legalidade brasileira para sancionar uma presidente que é considerada não cumpridora da legalidade, por ter manipulado as contas para beneficiar um processo eleitoral. E isso prosseguiu por meio do Parlamento, com todo esse processo lento e complicado. É

uma grande injustiça chamar isso de golpe. Creio que é uma defesa de quem se sente muito afetado pelo que está acontecendo.

Valor: O argumento de muitos opositores ao impedimento é que ele poderia criar um precedente para o afastamento de futuros chefes de Estado com uma popularidade muito baixa. Isso pode trazer problemas no futuro?

Vargas Llosa: Acho que é mais importante ter presidentes que estejam submetidos a uma vigilância democrática e que podem ser destituídos excepcionalmente, de acordo com a própria legalidade. É perigoso que se mantenham governantes corruptos para garantir o funcionamento de um sistema. Se o sistema está corroído pela corrupção, o melhor é corrigi-lo o quanto antes, para evitar casos tão dramáticos como o da Venezuela. A verdade é que o Brasil deveria ter decolado há muito tempo. É um país gigantesco, com quantidade imensa de recursos. E o que o freou? A corrupção.

Valor: O senhor vê o risco de retrocesso na democracia brasileira?

Vargas Llosa: Creio que haja certo risco, claro, mas acho que manter instituições que estão podres não pode ser nunca uma solução a longo prazo. É, de novo, sucumbir a um populismo. Esse populismo que sacrifica o futuro em nome de um presente muito passageiro.

Valor: Um dos fenômenos políticos mais

expressivos dos últimos anos no Brasil foi o surgimento de movimentos com agenda econômica liberal, algo que já foi defendido de forma envergoadora por aqui. O que pode se esperar deles?

Vargas Llosa: O melhor. Quem dera houvesse em toda a América Latina movimentos com vocação liberal que entenderam que somente uma economia aberta, uma integração entre os mercados do mundo, um Estado forte, porém pequeno, e uma sociedade civil grande é o que traz o progresso e o desenvolvimento, é o que cria oportunidade para que os cidadãos possam organizar sua vida e realizar seus desejos. Os países que estão no topo do mundo são aqueles que optaram por esse modelo.

Valor: Como nos EUA e em países da Europa, há liberais apenas na economia. Em questões como imigração, aborto, igualdade de gênero, acesso a armas e liberação das drogas, muitos são conservadores ou até ultraconservadores.

Vargas Llosa: Estão enganados, porque a liberdade é uma só. A liberdade é unívoca, não pode ser dividida. A liberdade tem de operar simultaneamente no campo econômico, político, social, cultural e individual. Esse é o verdadeiro progresso. Quando a liberdade opera em todos esses campos, produz trocas, gera mais opções em todos esses domínios. É quando verdadeiramente se produz o progresso para a civilização. Pensar que pode haver uma liberdade econômica sem liberdade política ou liberdade política sem liberdade econômica é disparate.

Valor: Em várias regiões do Brasil, políticos têm sido hostilizados em lugares públicos. Qual o risco desse rancor dirigido se transformar em algo mais perigoso?

Vargas Llosa: Isso pode acontecer quando há muita corrupção e uma frustração grande, sobretudo depois de terem endeusado um movimento, como foi o caso do PT e de Lula. Havia a ideia de que Lula era uma espécie de santo. A Europa incorreu nesta santificação de Lula. E aí se descobriu que a fonte de muito da corrupção que há hoje em dia nasceu do governo Lula. Há então uma decepção grande, e essa decepção pode gerar violência. Por isso, é importante corrigir a raiz do que há de errado, mas fazê-lo por vias legais.

Valor: Outra força política que tem despontado é a dos evangélicos. Estão à frente de conglomerados midiáticos e são capazes de mobilizar milhões de fiéis em defesa de sua agenda. Qual o impacto disso na vida política de um país?

Vargas Llosa: O evangelismo tem duas faces. Há um lado que é positivo. Geralmente, defendem a economia de mercado e sistemas de vida mais austeros. Por outro lado, muitas vezes há um fanatismo religioso. Fanatismo este que é incompatível com a democracia, a liberdade e a organização liberal de uma sociedade. E esse não é um fenômeno brasileiro ou latino-americano, está por todo lado.

“A vida é maravilhosa, é preciso vivê-la até o fim e não morrer em vida. Não se deve perder as ilusões, não se deve esperar pela morte, isso é morrer”

Valor: Ao analisar o quadro atual com uma lente psicológica, pode-se dizer que o brasileiro tem vivido um desamparo. Parece não haver lideranças capazes para agir diante da complexidade dos problemas. Onde isso pode nos levar?

Vargas Llosa: Acho que o Brasil tem, potencialmente, todos os líderes de que necessita. É um país grande, que tem profissionais, funcionários e técnicos de alto nível. É necessário que essa gente bem qualificada participe da política, e não olhe para a política com medo, com horror, como algo sujo de que precisa tomar distância. Porque se se deixa a política somente aos sujeitos, a política será suja. É muito importante convencer as pessoas da importância da participação na democracia.

Valor: O que espera do segundo turno das eleições no Peru, no dia 5? O senhor acredita que o seu candidato, Pedro Pablo Kuczynski, tem chances de vencer Keiko Fujimori?

Vargas Llosa: Espero que o Kuczynski ganhe, logicamente. É um nome de muito prestígio, que conhece o Peru e que tem credenciais internacionais boas. Sua adversária não tem nenhuma, salvo que é filha de um ditador [Alberto Fujimori, para quem perdeu a eleição em 1990]. Seu triunfo equivaleria à legitimação da ditadura a posteriori. Seria muito ruim para o Peru.

Valor: Como vê as mudanças de rumo na política em outros países da América Latina?

Vargas Llosa: Acho que o que acontece na América Latina, com algumas exceções que sabemos — como Cuba e Venezuela —, é um feito positivo. Desapareceram as ditaduras militares que estavam por toda parte. E desapareceu também a ideia da utopia marxista-leninista, de que só uma revolução armada pode resolver os problemas. E isso fez com que o modelo democrático se impusesse na América Latina. Temos democracias muito imperfeitas, por falta

de tradição e de instituições sólidas, mas creio que haja consensos amplos a favor da democracia como o modelo dentro do qual deve haver a luta por progresso e desenvolvimento. Creio também que haja pela primeira vez consensos a favor da economia de mercado. Alguns com entusiasmo; outros, com resignação.

Valor: Pode-se dizer então que está otimista.

Vargas Llosa: Estou otimista, mas com cautela, porque a América Latina pode retroceder e se tornar preocupante em alguns lugares, mas creio que, se fizerem um balanço, há mais razões para o otimismo que para o pessimismo.

Valor: Qual a sua expectativa com o governo de Mauricio Macri na Argentina?

Vargas Llosa: Muito boa. Acabo de passar uma semana lá e acho que Macri está trabalhando bem. Está fazendo as reformas radicais, que se impõem contra o populismo demente da senhora Cristina Kirchner e, antes, do senhor Néstor Kirchner, enredando o país de maneira monstruosa. Lá a corrupção também saiu à luz — e há uma ação forte para punir os corruptos. Mas creio que todas as primeiras medidas do governo de Macri são muito positivas.

Valor: A Europa, onde vive, também passa por grandes mudanças: a crise econômica, a possível saída do Reino Unido da União Europeia, os ataques terroristas, a chegada dos refugiados e o ressurgimento dos ultraconservadores.

Vargas Llosa: A Europa representa a empresa mais audaz e ambiciosa dentro do mundo democrático. Países que se matavam uns aos outros ao longo de sua história, enfim resolveram se unir e fazem-no integrando suas economias e, depois, suas instituições políticas. Isso trouxe benefícios enormes. Freou o que seria uma decadência clara dos países europeus e criou um grande mercado. Foi bom para a Europa e para o mundo, pois seria ruim se voltássemos a viver numa estrutura bipolar. Agora, todas essas trocas sempre trazem derrapadas. Aquilo que Karl Popper [filósofo] chamava de “o regresso à tribo”, que é voltar a querer se trancar no eu próprio, no conhecido, não se arriscar em aventura, no novo. Acho que isso acontece com os movimentos nacionalistas. Confrontados com a realidade, são minoritários e a Europa não está em perigo. O mais grave, para mim, seria a saída do Reino Unido da União Europeia. Isso, sim, seria muito danoso para ambos.

Valor: O que pensa da atuação da chanceler alemã Angela Merkel?

Vargas Llosa: Foi corajosa. E estava disposta a receber 1 milhão de refugiados na Alemanha, mas o país não a correspondeu. Há medo da imigração, pela dimensão que tem. A razão diz que a Europa não pode manter seus altos níveis de vida sem imigrantes e que os imigrantes são uma força indispensável. Ao mesmo tempo, é importante que não passem a significar um re-

trocesso a todas as conquistas sociais e políticas que a Europa alcançou. Os imigrantes têm de se adaptar e submeter-se às leis europeias.

Valor: Os americanos também atravessam um momento importante com a aproximação das eleições e a possibilidade de Donald Trump tornar-se presidente. O que pode significar para o mundo a vitória de Trump?

Vargas Llosa: Seria uma catástrofe para os EUA e para o mundo. É preocupante que um demagogo, um palhaço, alguém que não tem credenciais respeitáveis para nada, tenha a popularidade que ele tem em um país de Primeiro Mundo e que significa tanto para o Ocidente. Há na campanha de Trump um chamado aos instintos mais baixos: racismo, homofobia... É terrível! Mas não acho que vencerá as eleições. Creio que Hillary Clinton tem mais chances.

Valor: Qual será o legado de Obama?

Vargas Llosa: Obama foi uma figura positiva para os EUA. Um negro ter chegado à Casa Branca foi uma revolução nos costumes do país. Salvo no campo econômico, no qual ele é passível de críticas; no campo social e político Obama fez coisas muito, muito positivas. Aproximou-se de outros países, trouxe grande sentido social e realizou reformas que criaram igualdade e oportunidades.

Valor: Em algum momento o senhor titubeou em relação às suas crenças em favor do liberalismo? Com a crise de 2008 e o aumento da desigualdade em diversos países, não ficou mais difícil acreditar na total liberdade dos mercados?

Vargas Llosa: Digo que não. Nunca hesitei.

Mesmo tendo feito muitas críticas aos liberais, que são números personificados e veem o mercado como panaceia. Nunca fui assim, tampouco os grandes pensadores liberais. Esses pensadores sempre pensaram que as ideias são mais importantes que os números, e que são as ideias que movem a história. A sociedade vive fundamentalmente de coexistir dentro de um sistema que reduza a violência, que é congênita à coletividade, e, para isso, o que importa não é só a economia, mas uma política social, cultural e individual. Creio que a democracia liberal foi o sistema que melhor conseguiu isso até hoje. Mas há coisas que devem ser criticadas. Há uma visão um pouco ideológica e dogmática do liberalismo que é incompatível com o que é o liberalismo em sua essência. Basicamente, a virtude da tolerância é o grande valor liberal.

Valor: Qual é o seu próximo projeto?

Vargas Llosa: Escrevo um ensaio sobre Friedrich Hayek. Não é um livro, tampouco um artigo, mas um ensaio um pouco mais amplo. Creio que Hayek é um dos pensadores mais radicais, lúcidos e inteligentes que tivemos. Colocou o problema do liberalismo, da democracia, da economia e dos valores no nosso mundo. Acho que suas contribuições com “O Caminho da Servidão” e “Os Fundamentos da Liberdade” foram enormes para o mundo de hoje. Ao mesmo tempo, creio que, dentro daquele que parecia um professor tão tranquilo, erudito, confinado numa biblioteca, havia uma espécie de desvairedo, rebelde, agitador que propunha coisas malucas. Propôs, por exemplo, que a Alemanha

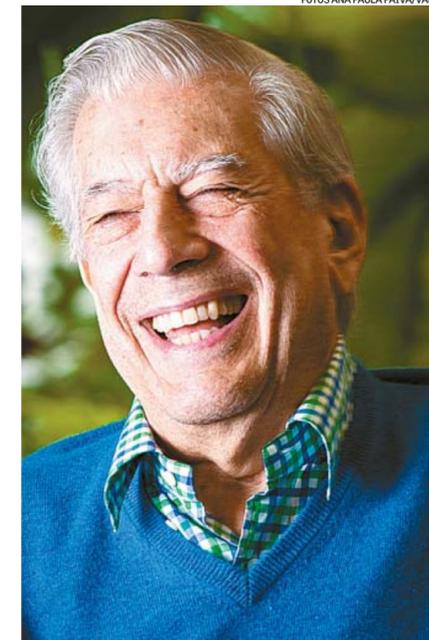
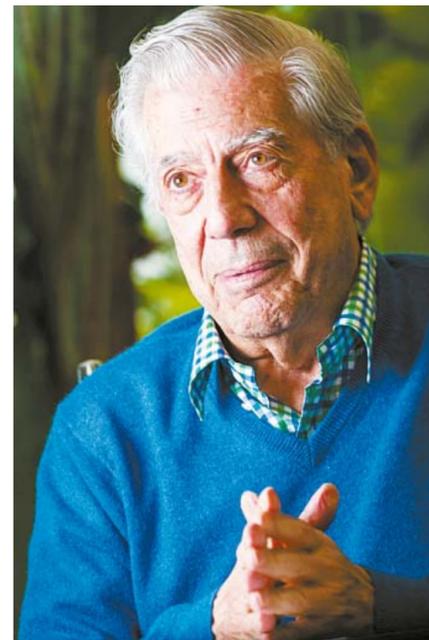
deveria se incorporar aos EUA, e que outros países europeus deveriam fazer o mesmo. Outra ideia louca foi que era preferível uma ditadura com economia aberta a uma democracia sem economia aberta. E chegou a dizer esta barbaridade: que preferia Augusto Pinochet a Salvador Allende, porque Pinochet havia aberto a economia, e Allende a fechava. Acho que esses são erros de um pensador que acertou muito mais do que errou. Acho que sua polêmica com John Maynard Keynes [economista britânico], por exemplo, muito instrutiva, e que suas ideias impregnaram governos como o da senhora Margaret Thatcher e de Ronald Reagan, que trouxeram imensos benefícios à causa libertária e à democracia.

Valor: No segundo semestre será lançado em português o romance “Cinco Esquinas”, seu trabalho mais recente. O que o levou a escrever sobre os estertores da ditadura Fujimori?

Vargas Llosa: Tinha muitas imagens desse final, que foi dramático, pois o Peru viveu uma situação de incerteza com o terrorismo — na verdade, os terrorismos, porque partiam de diferentes forças políticas e do próprio Estado. E havia insegurança em relação ao futuro. O que iria acontecer? Ninguém sabia. Havia toque de recolher restritivo, criminalidade que aproveitava demais desse clima para apresentar como atos políticos o que eram simplesmente delitos como roubos e sequestros. Queria descrever esse mundo e, ao mesmo tempo, destacar algo que me surpreendeu na época da ditadura de Fujimori e Montesinos, que era a utilização da

“A liberdade tem de operar simultaneamente no campo econômico, político, social, cultural e individual. Esse é o verdadeiro progresso”, afirma Vargas Llosa

FOTOS ANA PAULA PAIVA/VALOR



imprensa marrom como instrumento de coerção para castigar os críticos, mergulhando-os em escândalos terríveis, ou como estratégia para evitar as críticas. Ninguém gostava disso, porque faziam difamações — muitas vezes, caluniosas, sexuais, privadas, familiares...

Valor: *Qual é a relação da escolha desse tema com a sua experiência recente ao ter questões pessoais (a separação da mulher, Patrícia, e o início de uma relação com Isabel Preysler, ex-mulher do cantor espanhol Julio Iglesias) expostas em revistas de celebridades?*

Vargas Llosa: Infelizmente, essas são coisas que não se escolhe. Se você é uma pessoa pública, há curiosidade sobre sua vida privada. As revistas de fofoca não o deixam em paz e o submetem a vigilância permanente. Isso toma tempo, desnatura um pouco a imagem da pessoa e, ao mesmo tempo, não há um jeito de evitar, não, pois o que evita? Se alguém pudesse me dar a fórmula, eu a utilizaria. Mas não há fórmula.

Valor: *Onde está o seu maior prazer literário, em ler ou em escrever?*

Vargas Llosa: É difícil dizer. É um prazer que tem duas faces. Posso passar um tempo enorme lendo, claro, mas também posso passar esse tempo escrevendo. Talvez a diferença seja que, lendo, tenho prazer desde o início, e escrevendo, não, pois o princípio de um livro me dá muito trabalho. O começo é sempre uma dor de cabeça. Mas, uma vez que a história começa a viver ou a fingir que vive, então o prazer é imenso. Mas acho que ler e escrever são como o inverso e o reverso de um mesmo prazer.

Valor: *Como o Prêmio Nobel o afetou?*

Vargas Llosa: Acho que não afetou muito o meu trabalho, porque já era uma pessoa com a formação concluída quando fui premiado. Mas afetou minha vida, porque o Nobel traz obrigações e curiosidade em torno da pessoa.

É preciso lutar muito mais do que antes para defender o seu tempo. Essa é uma das consequências do Nobel, além dos benefícios, claro.

Valor: *O senhor tem falado com frequência de um futuro no qual os romances e a cultura transmitida por meio dos livros devem ser cada vez menos relevantes na vida das pessoas. O que se pode esperar de um mundo assim?*

Vargas Llosa: O pior. O espírito crítico pode desaparecer. Creio que a literatura é a grande fonte do desassossego, que põe em questão o mundo tal qual ele é e a realidade como vivemos. Acho que isso não acontecerá, mas se há o perigo de a literatura ser reduzida só a um pequeno setor da sociedade, aí existe o perigo de a democracia sofrer profundamente, porque a democracia é o exercício de espírito crítico. Acho que as telas digitais em muitas coisas são extraordinariamente valiosas e necessárias. Mas acho que empobrecem a vida do espírito e do intelecto. Elas pedem muito mais atitudes passivas que criativas e isso prejudica muito o esforço intelectual. E impedir o esforço intelectual é muito perigoso para uma sociedade.

Valor: *O senhor segue muito disposto. Não parece ter planos de parar de escrever.*

Vargas Llosa: Não tenho plano de parar. Espero escrever até morrer. Espero que a morte me encontre com a caneta e o papel na mão.

Valor: *O senhor acabou de ter uma grande festa de 80 anos. Que tal a vida nesse momento?*

Vargas Llosa: Penso que a vida é maravilhosa, que tem de durar o máximo possível e que, precisamente porque a vida é maravilhosa, é preciso vivê-la até o fim e não morrer em vida. Não se deve perder as ilusões, não se deve esperar pela morte, porque isso é morrer. E sempre me pareceu um espetáculo muito triste o das pessoas que em determinado momento deixam de viver e passam a esperar pela morte.

Uma obra confessional e autocrítica

Luís Antônio Giron

Para o Valor, de São Paulo

No dia 28 de março, Mario Vargas Llosa completou 80 anos. Um dos nomes mais consagrados das letras latino-americanas, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 2010, publicou 18 romances, cinco peças de teatro, uma coletânea de contos e 15 volumes de ensaios. Sua vida é cheia de aventuras, mas ainda não contou todas. Simpático, atencioso e com aparência de galã de cinema latino, é tanto um guru da narrativa como do marketing. Soubesse manter na moda ao longo de seus 57 anos de carreira — foi protagonista tanto do boom literário latino-americano dos anos 60 como da virada conservadora da política e da narrativa romanesca dos anos 80. Seria de esperar que Vargas Llosa lançasse sua autobiografia neste momento de festejos de seu aniversário. Mas ainda não o fez. Talvez para não imitar seu amigo e depois arqui-rival, o escritor colombiano e igualmente vencedor do Nobel Gabriel García Márquez (1927-2014), cuja obra se encerrou com uma autobiografia inacabada, “Viver para Contar”.

Tudo faz especular que Vargas Llosa planeja viver mais para contar ainda mais. Mesmo assim, muito de sua personalidade e suas per-

pécias estão espalhadas em suas obras, em especial nos romances. Como narrador ficcional, ele não julga moralmente seus personagens. Trata-os com complacência e humor, uma atitude oposta à que aplica no ensaísmo, no qual se mostra cético, crítico e muitas vezes cruel com o objeto de análise. Em seu ensaio mais pessoal, “A Orgia Perpétua: Flaubert e Madame Bovary” (1975), ele se confessa admirador da técnica narrativa, do texto conciso e das tramas realistas do francês Gustave Flaubert (1821-2880) — este também um escritor que narra passagens de sua vida, com maldisfarçado prazer. Vargas Llosa admira os clássicos e não se comove com a chamada era da informação. Num ensaio recente, “A Civilização do Espetáculo” (2012), ele critica o assassinato da alta cultura pela cultura das celebridades.

Quando, ao modo de Flaubert, Vargas Llosa trata de si em narrativas inspiradas em episódios de sua vida, ele se revela irônico. Um mesmo tipo de herói e o mesmo ambiente histórico perpassam suas histórias: rapazes de classe média alta que experimentam uma formação autoritária e são seduzidos tanto pela militância de esquerda quanto pelo amor de mulheres fatais, nas décadas de 50 e 60. São tragicomédias dos moços de bem que se desviam do “bom caminho”. A situação se repete a partir de seu primeiro livro, a coletânea “Os Chefes” (1959), com contos que mostram meninos tropeçando em sua educação retrógrada. Também o desvio da norma de um jovem é contado na passagem torturante do herói, o cadete Poeta, pela escola militar em “A Cidade e os Cachorros” (1963).

Essas obras, obviamente, coincidem com o perfil de Vargas Llosa. Nascido em uma família de classe média alta de Arequipa, ele entrou aos 14 anos como aluno interno no Colégio Militar Leônicio Prado, em La Perla, por de-

Simpático e com aparência de galã de cinema latino, Vargas Llosa é tanto um guru da narrativa como do marketing e soube se manter na moda

sejo do pai. Ficou tão horrorizado com a vida militar que escolheu letras e direito para cursar na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, em 1953. Ali, no mesmo ano, começou a militar pela causa de Fidel Castro. Ele descreveu a trajetória de militante durante a ditadura de Manuel Odría (1948-1956) na obra-prima “Conversa na Catedral” (1969). O protagonista, Santiago Zavala, é um filhinho de papai que faz uma carreira de jornalista mediocre. Ele mantém uma longa conversa com Ambrósio, o motorista de sua família, durante a qual entretêm várias histórias que giram em torno da grandeza, miséria e da decadência do Peru.

A atração pela política se junta ao fascínio dos jovens heróis por bordéis e relações com mulheres mais velhas, temas presentes em “A Casa Verde” (1966) e em “Tia Júlia e o Escrevinhador” (1977). Neste, Varguitas, o moço com pretensões literárias condenado a escrever novelas de rádio, apaixonou-se por uma mulher mais velha. Não por coincidência, a história reflete o casamento de Vargas Llosa,

aos 19 anos, com Julia Urquidi (1926-2010), irmã da mulher de seu tio materno.

Garotas perigosas também povoam os romances do escritor. “Travessuras da Menina Má” (2006) conta a história de Ricardito, o bom rapaz que, como Vargas Llosa no início dos anos 60, tenta trabalhar em Paris como tradutor. Ali, o personagem se envolve com Lily, a “menina má” do título. Lily vive na clandestinidade e está envolvida com a resistência peruana de esquerda. Ela seduz Ricardito e o arrasta a ações violentas.

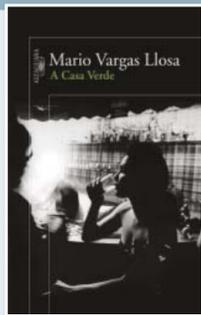
O arrependimento de Ricardito é comparável ao de Vargas Llosa. A partir de 1980, ele começaria a pregação anticomunista e a crença no liberalismo. Seu engajamento político culminou em 1990, quando concorreu à Presidência do Peru por uma coligação social-democrata e perdeu as eleições para o autocrático Alberto Fujimori. A repulsa às ditaduras e a exaltação à luta de indivíduos para combatê-las são traços que estruturam os enredos de livros escritos depois da sua experiência eleitoral, como “A Festa do Bode” (2000), sobre o ditador, poeta e feiticeiro dominicano Rafael Trujillo, e “O Sonho do Celta”, que retrata a missão do diplomata irlandês Roger Casement em denunciar os crimes contra os direitos humanos no Congo belga no fim do século XIX.

Assim, a obra de Vargas Llosa pode ser interpretada tanto como uma confissão quanto uma autocrítica. É como se ele fizesse o mea-culpa de sua antiga paixão militante e demonstrasse que o idealismo é possível quando unido à racionalidade. Se porventura ele escrever suas memórias, elas poderão ser resumidas assim: na América Latina do século XX, em perpétua conjuração e luta sangüinária pelo poder, o menino malcomportado se tornou, na maturidade, um exemplo de equilíbrio político — e de maestria narrativa.

Por que ler Vargas Llosa

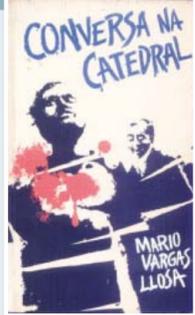
Romances e ensaios do escritor peruano que marcaram época

“A Casa Verde” (1966)



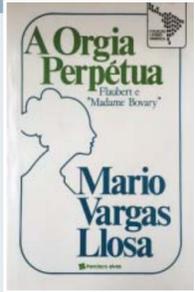
Mario Vargas Llosa exibe todo o virtuosismo narrativo que aprendeu com William Faulkner ao ambientar histórias paralelas passadas entre os anos 20 e 60 em dois locais: um bordel na cidade costeira de Piura e uma missão jesuítica na Amazônia. Na praia pagã e na selva sagrada, armam-se conspirações e guerrilhas para tomar o poder no Peru

“Conversa na Catedral” (1969)



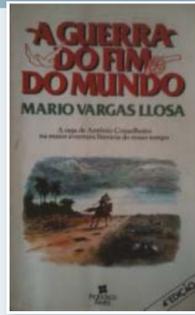
A obra-prima de Vargas Llosa é também um dos romances mais poderosos sobre as ditaduras latino-americanas. Trata de um bate-papo entre Santiago, alter ego do autor (jornalista de família de classe média alta, ex-militante marxista) e Ambrósio, ex-motorista de sua família convertido em capanga de um militar. Enquanto se embebedam no bar Catedral, a dupla rememora a história da ditadura do general Manuel Odría e os sucessivos golpes e fracassos econômicos do Peru

“A Orgia Perpétua Flaubert e ‘Madame Bovary’” (1975)



Neste verdadeiro curso de teoria da narrativa, Vargas Llosa mostra como Gustave Flaubert concebeu “Madame Bovary” (1856), marco do romance realista. Além disso, analisa a escritura do autor francês, que valorizava a concisão e a palavra justa para captar o espírito de um tempo e de um lugar. Segundo Vargas Llosa, foi o romance que mais o influenciou, por ter remexido nas “camadas profundas” do seu ser e porque lhe deu “o que outras histórias não conseguiriam me dar”

“A Guerra do Fim do Mundo” (1981)



Com base na obra “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha, este romance trágico propõe uma arqueologia do atraso. O militante Galileo Gall e o jornalista Mioppe discutem a trajetória do líder messiânico Antônio Conselheiro. A fundação de Canudos e sua destruição pelo Exército brasileiro servem para os interlocutores dividirem das fontes históricas e criarem teorias sobre o absurdo e a violência de ideologias opostas em uma região arcaica

“Travessuras da Menina Má” (2006)



Ricardo é um personagem que, como muitos outros na obra de Vargas Llosa, funciona como alter ego do autor. Nascido em uma cidade litorânea do Peru, Ricardito, como é chamado, se apaixoa por uma menina de sua cidade natal, Lily. O casal se reencontra em Paris, onde ele tenta a carreira de escritor e ela faz parte de uma célula guerrilheira. Ela o convence a partir para a luta armada, ao mesmo tempo que o engana

“A Civilização do Espetáculo” (2012)



Vargas Llosa dispara o alarme: a sociedade contemporânea, consumista e voltada às celebridades e à diversão desenfreada, entronizou o consumismo como valor supremo. Como resultado, os valores da alta cultura, das artes e do humanismo se encontram ameaçados de extinção. Ele afirma que a democratização da cultura é uma falácia, pois reduz a alta cultura à condição de manifestação elitista

Um polemista da cultura e da política

Análise

Carlos Eduardo Lins da Silva

Para o Valor, de São Paulo

O peruano Mario Vargas Llosa é um dos quatro grandes intelectuais públicos que, no século XX, se embrenharam na política a ponto de disputar o cargo máximo no governo de seus países. Os demais foram o tcheco Václav Havel (1936-2011), o canadense Michael Ignatieff e o brasileiro Fernando Henrique Cardoso. Havel e Fernando Henrique chegaram ao poder. Ignatieff e Vargas Llosa, não.

Em "Peixe na Água" (1994), suas memórias, ele dedica quase metade das páginas à campanha presidencial do Peru de 1990, da qual saiu derrotado por Alberto Fujimori, e o capítulo derradeiro sobre ela é sintomaticamente intitulado "Guerra Suja".

Não menos expressiva foi a escolha do autor para a epígrafe do volume, de Max Weber (1864-1920): "(...) o mundo é governado pelos demônios e (...) aquele que se mete em política selou um pacto com o diabo, de tal modo que deixa de ser verdade que em sua atividade o bom produza apenas o bem e o mau, o mal, mas que frequentemente acontece o oposto".

Ainda em "Peixe na Água", Vargas Llosa narra diálogo que teve com sua então mulher, Patricia, no qual lhe teria dito que havia entrado na política por "obrigação moral", ao que ela teria respondido que a real motivação do escritor era o desejo de, na eleição, viver o seu "romance total".

Esse diálogo mais a intrigante história do título dessa autobiografia são muito reveladores da importância crucial da relação en-

tre a realidade e a ficção na obra e na personalidade de Vargas Llosa.

O primeiro relato de suas aventuras políticas foi publicado na prestigiosa revista literária britânica "Granta" em 1991, e o título era "A Fish Out of Water" (peixe fora d'água), que aparentemente sintetizava o desconforto do escritor com o ambiente da política.

Dois anos mais tarde, no entanto, o livro veio a público com o título invertido, o que provavelmente indica que Vargas Llosa via sua imersão nas agruras políticas como algo natural para o seu ser, construído ao longo de uma vida pública em que a ficção era expoente, mas em que a realidade social e seu empenho em compreendê-la e explicá-la prenunciava e talvez antecipasse o engajamento integral posterior.

Perry Anderson, num ensaio em que compara as trajetórias de Vargas Llosa e Gabriel Garcia Márquez (1927-2014), publicado na revista "piauí" em 2011, chegou à mesma conclusão: "Sua candidatura à Presidência do Peru, com o apoio da direita tradicional, não foi um capricho repentino, mas consequência de uma década de atividade pública consistente. Vargas Llosa foi desde cedo, e assim permanece, um animal político".

Sobre seu trabalho literário, nas memórias, Vargas Llosa diz: "Tenho uma fraqueza invencível pelo assim chamado realismo". De fato, ele nunca poderia ser classificado como integrante do "realismo fantástico" que tanto marcou o romance latino-americano na segunda metade do século passado.

Muitos dos seus melhores romances são ostensivamente calcados em fatos históricos, quase grandes reportagens com forte estilo ficcional, à maneira do "novo jornalismo", e alguns poucos ingredientes de fantasia ou,

dito de maneira mais apropriada, de fatos com menor comprovação factual.

Por exemplo, "A Guerra do Fim do Mundo" (1981), baseado na rebelião de Canudos no Brasil; "A Festa do Bode" (2000), na ditadura de Rafael Trujillo (1891-1961) na República Dominicana; "O Sonho do Celta" (2010), na vida do herói irlandês Roger Casement (1864-1916). Outros, como "A Cidade e os Cachorros" (1963) e "Conversa na Catedral", têm forte componente autobiográfico.

Vargas Llosa sempre foi, portanto, um "intelectual público", na acepção que se deu ao conceito na França, no século XIX, primeiro no entendimento e explicação ao público da realidade social, com, por exemplo, Alexis de Tocqueville (1805- 1859), e depois, com mais ênfase na participação ativa do debate político, como os que mergulharam no caso Dreyfus, como Émile Zola (1840-1902).

No fim do século XX, começou-se a falar muito do fim do "intelectual público", devido ao aumento da influência pública das grandes corporações econômicas, apesar de ter sido naquele período que Havel, Fernando Henrique e Vargas Llosa se aventuraram em eleições (Ignatieff seguiu o roteiro mais tarde, em 2008).

Mas esses quatro pensadores são prova de que a figura do "intelectual público" subsiste, e talvez tenha até ampliado sua presença, graças às mídias sociais. Todos permaneceram atores ativos e reconhecidos no debate político, ainda que não necessariamente partidário.

Havel, que morreu em 2011, criou o "Fórum 2000", dedicado a identificar as razões pelas quais religião, cultura e etnicidade provocam conflitos e as maneiras pelas quais evitá-los. Ignatieff, o que talvez tenha saído mais machucado do embate político, vem se dedicando a difundir a tese da irrelevância dos intelectuais no mundo contemporâneo, contestada, contraditoriamente, pela sua própria notoriedade.

Fernando Henrique, o que mais se manteve próximo do debate partidário, além deste passo também a se dedicar à causa da descriminalização do consumo de drogas, o que lhe devolveu ampliado destaque internacional.

E Vargas Llosa, como se comprova mais uma vez em sua visita ao Brasil nesta semana, permanece um polemista atento e agudo dos grandes temas da cultura e da existência humanas, mas também dos assuntos mais prementes e atuais da política e economia latino-americanas.

Carlos Eduardo Lins da Silva é livre-docente e doutor pela USP, mestre pela Michigan State University e editor da revista "Política Externa" ■



Mario Vargas Llosa encontra Fernando Henrique Cardoso em sua casa, em Higienópolis, poucos dias depois da eleição presidencial brasileira, em 1994

16 ANOS
Valor

anos

Idade de estagiário.
Credibilidade de CEO.